

Alexander Hochdorn, Paolo F. Cottone, Brigido Vizeu Camargo,
Bruna Berri

Textos generizados em contextos afetivos:

Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?

Genderized words in affective worlds:

Can experiences and relations prevent (trans)gender-based violence in prison?

Resumo em português

Este trabalho refere-se à construção (con)textual de violência e poder nas instituições totais. Além disso, o papel afetivo das relações tem sido investigado a fim de compreender como os conceitos, tais como poder e violência, situam-se dentro do quadro relacional das interações cotidianas. O tópico foi focado nas experiências de detidas transgêneras, colocadas em uma seção especial do setor feminino da penitenciária de Florença-Sollicciano. Foram coletadas entrevistas com os funcionários e as presas transgêneras do instituto, sobre as modalidades, por meio das quais a identidade de gênero afirma-se dentro de um contexto fortemente institucionalizado. Por meio de uma análise qualitativa, usando o programa *Transana*, foi pesquisado o sentido implícito dos significados ideológicos, históricos e relacionais que constituem a produção de discursos. Os resultados demonstram que frequentes interações cotidianas, como aquelas entre as detidas transgêneras, e entre essas e a polícia penitenciária, aumentam o valor da comunicação e, conseqüentemente, das relações interpessoais. A variável afetiva, por isso, torna-se um aspecto importante a partir do qual as interações podem ser consideradas ações situadas. Enfatizando o valor pragmático e estratégico de relações situadas, melhoram não somente as condições difíceis da detenção, mas também árduo e cotidiano trabalho dos funcionários do presídio.

Palavras chave: Detidas transgêneras, violência, afeto, poder, relações.

Abstract in English

The following paper has been realized with regard to the (con)textual construction of violence and power in total institutions. Furthermore the affective role of relations has been investigated in order to understand how concepts, such as power and violence, are situated within the relational frame of everyday interactions. The topic of the research has been focused on transgender prisoners, detained in a special section of the female ward of the prison of Florence-Sollicciano. Interviewees with prison's staff and MtF

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

transgender inmates have been gathered, concerning to the way how gender identity claims in a highly institutionalized context. Qualitative analysis, adopting the software *Transana*, has been used in order to study the implicit sense of ideological, historical and relational meanings within discursive production. Results show that everyday interactions, such as between trans-prisoners themselves and amongst them and the penitentiary guards, increase the affective value of communication and consequently of interpersonal relations. The affective variable, therefore, becomes an important aspect, according to which interaction can be considered pragmatic and situated actions. Empowering the pragmatical and strategical value of situated relations improves not only the difficult condition of detention, but also the hard and challenging tasks a those staff-members, who work in prison every day.

Keywords: Trans-prisoners, violence, power, relations, affect, language, context

Introdução

O interesse de pesquisar a realidade transgênera a respeito das instituições totais surge da presença de detidas transgêneras em algumas penitenciárias italianas. Tais detidas – todas transgêneras MtF – representam uma realidade marginal e discriminada dentro do sistema penitenciário porque resulta difícil resolver uma tal situação, seja em termos éticos seja organizativos. Efetivamente não é claro a qual estrutura enviar uma transgênera MtF que não retificou seu estado civil: inseri-la em um presídio para mulheres ao invés do que para homens apresenta similares discrepâncias no plano ético e administrativo. De fato, elas serão de qualquer forma mantidas segregadas respeito ao resto dos detidos, dado que se identifica na própria “particular” situação uma forte aceção de diversidade.

Especialmente focou-se a análise nas dinâmicas, sejam organizativas, sejam de interação, que se desenvolvem dentro das instituições totais, em quanto aparatos normativos formalmente administrados (Goffman, 1961/2003). As dinâmicas de gênero nas instituições totais são relegadas dentro de uma retificação linguística, fortemente ancorada dentro dos confins antinômicos do dualismo sexual. Nestes contextos o *fazer gênero* é caracterizado por heurísticas *idealtípicas* que resultam particularmente generizadas (Codd, 2003). Ao partir destes pressupostos, quer-se observar como uma organização reificante a respeito do gênero responde às particulares exigências de reconhecimento das transgêneras e no mesmo tempo como as detidas vivam esta experiência dentro de um contexto, que tende a atrofiar as identidades das detidas dentro predefinidas categorias normativas (Foucault 1975/1987).

A complexidade inerente à experiência da detenção é acentuada pela particular representação de uma identidade *in fieri* e também pela própria “diversidade cultural”, sendo todas as detidas de origem brasileira. Para Vidal-Ortiz (2009), a identidade das transgêneras constrói-se, de fato, nos aspectos normatizantes da dicotomia sexual e em

relação à própria colocação social. Ser transgênera, desempregada, clandestina e detida reflete uma realidade que muitas vezes se refere às migrantes sul-americanas, especialmente brasileiras, que constituem uma percentual significativa da prostituição transexual nas estradas dos países centro- e sul-europeus (Green, 1999; Farais de Albuquerque & Jannelli, 1994). Estas experiências, criam diferentes momentos de vida de exclusão que podem assumir a conotação de estigma múltiplo (Goffman, 1963/1983; Vidal-Ortiz 2009), sobretudo se escondidas dentro de um contexto extremo como as penitenciárias.

Objetivos

O interesse do estudo, portanto, é focado na relações, posicionamentos e contexto a respeito da função do afeto, em particular nas diferenças de expressão afetiva dentro de uma situação declinada para o masculino e feminino. Também é focado em função do impacto das diretrizes normativas a respeito do nível de institucionalização dos contextos, por último, em função das influências das superestruturas culturais e de poder na representação discursiva da realidade.

As dimensões de análise estarão articuladas diante das superestruturas e hierarquia de poder: o poder percebido na chave de leitura proposta por Foucault (1975/1987) como aquela forma de organização social finalizada ao controle e à categorização, difundida capilarmente em todas as inter-relações. Este mecanismo social manifesta-se na representação coletiva e cultural de papéis e hierarquias e refletem-se na representação que cada um tem de si mesmo, nos históricos subjetivos, na manifestação do agenciamento e da afetividade, aspetos que assumem conotações muito mais fortes em um contexto rígido como a penitenciária. A primeira pergunta de pesquisa, por isso, articular-se-á da seguinte forma: *O relacionamento entre os gêneros é também uma relação de poder? O gênero, além do contexto, poderia ser definido ou incluído em um discurso do poder?* Também estarão articuladas no posicionamento entre atores sociais e entre eles e o contexto: por meio das práticas de interação geram-se uma série de relacionamentos de poder, de diferenças de papéis, de históricos cotidianos, fundamentais para a compreensão contextual e relacional de uma realidade situada, com o correspondente grau de reificação constitucional. O presídio é um contexto, caracterizados por um *frame* simbólico e normativo das conotações culturais, as quais tendem a reificar categorias tipificadoras de personalidades definidas *a priori*, estabelecendo assim a própria margem de agenciamento. Em específico, o contexto carcerário é considerado nos seu aspecto tríplice: estrutural, sendo os muros do presídio como lugar de exclusão e segregação, funcional, sendo o presídio como sistema de punição e reeducação o qual, tirando das detidas a própria identidade desviante, pretende modificá-la e substituí-la com uma outra socialmente aceita (Goffman, 1963/1983; Foucault, 1975/1987) e afetivo, sendo a reclusão expressa por meio de um processo de privação afetiva, caracterizado pela ociosidade, perda da intimidade e distância do *outro significativo* (familiares, parceiros, amigos) (Cood, 2003; Wodak, 1997). A segunda pergunta de pesquisa, por isso, articular-se-á da seguinte forma: *O quanto o gênero e sua representação são influenciados pelo quadro situacional, afetivo e relacional em que se vive?*

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

Observar as interações na cotidianidade da penitenciária permite analisar as modalidades de posicionamento, a respeito das quais as detidas transgêneros definem a própria identidade de gênero, a respeito de uma margem de agenciamento que varia dependendo do contexto de referência. Este último, enfim, pode alterar o grau de interação em um ou outro nível das situações sociais e então transferir a representação de si como agente “generizado” de um processo interno (linguagem, percepção do corpo) para um externo (relações, cenários simbólicos e diretrizes histórico-contextuais).

Quadro teórico

A pesquisa é focada nos processos de interação na prisão, definido para Goffman (1961/2003) como um contexto formalmente administrado e fortemente institucionalizado. O contexto carcerário, caracterizado por um elevado funcionamento normativo, define papéis pré-constituídos, restritas margens de agenciamento (Zimbardo, 2007/2008), disparidade de status e distribuição de poder (Foucault, 1975/1987). Neste contexto a margem de agenciamento resulta particularmente reduzida e, portanto a identidade se reduz a uma simples heurística classificatória, respeito á qual o indivíduo pode ser etiquetado e administrado conforme as características funcionais e ideológicas deste tipo desta estrutura social.

Por isso delineiam-se as práticas normativas que veiculam a percepção e a representação da identidade *transgênera* em um contexto extremo, como a realidade penitenciária. A penitenciária reifica dentro dos seus muros todas as acepções tipizadas e normatizadas, por meio das quais se criam cópias de identidades consolidadas, etiquetadas e generalizadas. Por meio das grelhas analíticas desenvolvidas por Foucault em “*Vigiar e punir*” podem-se achar uma série de princípios em que se baseia o funcionamento de uma instituição total. Estas disposições reguladoras, para o filósofo francês, fundam a própria lógica punitiva em três conceitos chaves que concernem essencialmente *o isolamento, o trabalho e a modulação da pena*. A instituição total torna-se por isso uma forma discursiva, ou seja, uma prática de negociação de significados implícitos e superordenados:

A forma prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observações, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza (Foucault 1975/1987, p. 195).

A presença da detida transgênera dentro de uma dicotomização sexual tão reificadora leva a perturbar o princípio conceitual sobre o qual se funda o contexto penitenciário, isto é, como enfatizado por Foucault (1975/1987) desnuda o transgressor da sua identidade desviante para reconstruí-la de maneira mais apta às expectativas da coletividade como um todo. De fato, podendo definir o sistema penitenciário como

discurso, dentro do qual se geram posicionamentos dicotômicos relativos ao gênero, o presídio torna-se o veículo contextual dentro da qual estes processos de interação são entendidos como ações dotadas de sentido individual e coletivo. A função da prisão nas sociedades pós-modernas consiste, além do aspecto puramente punitivo, em um processo de mudança psicológico-social, que se torna um remédio moral ao *iter* desviante feito pelo recluso: “Retirando tempo do condenado, a prisão parece traduzir concretamente a ideia de que a infração lesou, além da vítima, a sociedade inteira”. (Foucault 1975/1987, p. 196). Nesta óptica a detenção como instrumento administrativo, se vê um duplo fundamento: por um lado jurídico-econômico e por outro técnico-disciplinar, que permitiu criar uma representação socialmente partilhada da prisão, “como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas” (ibidem, p. 196). Então relegando o violador da norma dentro de uma estrutura fechada e longe dos lugares em que se desenvolvem as práticas de interação da grande coletividade, se espera oferecer proteção à vida social e ao mesmo tempo remédio às feridas materiais e, sobretudo morais sofridas. A penitenciária, nas melhores intenções, promove uma concepção linear com os direitos do detido definidos pela constituição, mas o princípio regulador permanece ligado ao dualismo “punição & correção”.

Mas a prisão excede a simples privação de liberdade de uma maneira mais importante. Ela tende a tornar-se um instrumento de modulação da pena: um aparelho que, através da execução da sentença de que está encarregado, teria o direito de retomar, pelo menos em parte, seu princípio. É claro que esse ‘direito’ não foi recebido pela instituição carcerária no século XIX, nem mesmo ainda no XX, salvo sob uma forma fragmentária (Foucault 1975/1987, p. 205).

Contexto e Corpo dos dados

Escolheu-se o Novo Complexo Penitenciário (NCP) de Florença-Solliciano para compreender como articula-se o tratamento psicológico e reeducativo individualizado, oferecido para a população transgênera reclusa na seção separada do setor feminino do instituto.

O NCP de Solliciano foi construído em 1982, durante a reforma do ordenamento penitenciário (lei 663), retomando na sua estrutura o símbolo de Florença, como explícita referencia simbólica ao contexto histórico e cultural e, portanto ao poder institucional presente no território. O projeto originário previa uma seção transgênera implantada no setor masculino, mas recentemente foi transferida para o setor feminino, por exigências de gestão e para atender uma reivindicação de identidade de gênero voltada para o feminino. A realidade transgênera, dentro do instituto, é sujeita a atenções especiais pelos funcionários penitenciários. A gestão dos percursos detentivos delas não recebe o mesmo tratamento dos outros presos; diante das suas identidades de gênero em forte contraste com o modelo binário dos sexos, fortemente reificado dentro do contexto carcerário, não podem ser colocadas no setor feminino ou masculino. O espaço de reclusão então foi criado *ad hoc* para as exigências delas e, portanto foram mantidas segregadas das seções ordinárias da estrutura, ficando em uma seção reservada exclusivamente para elas, logisticamente colocada na seção feminina. Mas mesmo estando na seção das mulheres, elas são administradas pelos colegas homens mesmo

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

porque pela lei italiana são detidos de sexo masculino e para o ordenamento penitenciário nas seções detentivas devem vigiar policiais do mesmo sexo dos reclusos.

A diversidade de gênero no que se refere a um modelo binário não pode encaixar-se em nenhuma das assim chamadas seções ordinárias, mas ela é relegada a um espaço separado, assim como ocorre para outras tipologias de detidos considerados pelo crime em si (violência sexual contra mulheres e crianças) ou pela periculosidade do sujeito (crimes políticos ou mafiosos) para manter o funcionamento regular da estrutura.

O corpo de dados coletado consiste em entrevistas semiestruturadas junto aos funcionários que trabalham em diferentes funções, dentro do Novo Complexo Penitenciário de Florença-Solliciano; e com as detidas, encarceradas na seção transgênero deste complexo penitenciário. O material discursivo foi dividido em função das duas categorias de entrevistados: seis entrevistas com testemunhas privilegiadas (o provedor, a vice-diretora, uma psicóloga, uma educadora, dois agentes da polícia penitenciária) e cinco entrevistas com detidas transgêneras.

Metodologia e Métodos

A análise é focada na dimensão situada do (con)texto, entendido como interação no *hic et nunc*. Nesta parte é interessante especificar as modalidades narrativas e as práticas discursivas que emergem durante as produções de significados verbais, evidenciando os gêneros narrativos e as proposições intertextuais (Wodak, 2001), por meio das quais é possível reconstruir uma representação de si mesmo a respeito do outro e do contexto. A corrente sócio-histórica da Análise Crítica do Discurso (CDA) (Wodak, 2001) enfatiza o impacto afetivo das interações a respeito das dinâmicas de gênero e ao hábito simbólico, determinantes uma situação específica enraizada no tempo e no espaço. Estas influências configuram um gênero narrativo próprio, capaz de instituir uma prática discursiva distinta e intertextual. Esta perspectiva metodológica analisa os eventos discursivos dando atenção, não somente para as variáveis psicológicas que ligam a projeção cognitiva em direção à produção discursiva (por exemplo: perfil de identidade, níveis de envolvimento emotivo etc.), mas também e, sobretudo, as dinâmicas constitutivas dos contextos (diretrizes espaço-temporais, relações de papéis, macrocenários simbólicos, horizontes interpretativos). Wodak (1997) concentra as próprias análises nos aspectos afetivos da interação, nas problemáticas de identidade e na construção discursiva do “nós” que forma o grupo.

A identidade de gênero, deste ponto de vista, torna-se uma prática discursiva, ou seja, um *script* narrativo que é exibido no palco da cotidianidade. Esta não se torna somente um momento de interação, mas de concretização pragmática dos processos discursivos. A este nível as interações tornam-se práticas interiorizadas, ou seja, expedientes de posicionamento canalizados nas próprias representações cotidianas. As matrizes cognitivas, as motivações intrínsecas e extrínsecas, o objetivo da comunicação e a influência do tecido social representam esquemas de ação fluidos e mutáveis e os discursos, à vista disso, tornam-se a trama ao longo da qual se articula uma percepção

compartilhada dos contextos situados.

A história, o afeto, as desigualdades sociais e as construções culturais geram uma representação social que entrelaça os enunciados em um fio condutor, transversal ao longo das produções textuais produzidas no mesmo contexto espaço-temporal. A interdiscursividade então, torna-se um objeto de estudo no qual porções de (con)texto apresentam-se como sequências de significado que refletem-se em todas as narrações produzidas dentro do mesmo campo social.

O programa qualitativo para a análise dos dados textuais, *Transana*, possibilita uma série de funções sejam técnicas, sejam conceituais, que permitem desfrutar deste suporte informático nas diversas fases da elaboração do corpo dos dados. As diversas produções textuais podem, para as características de sincronização direta do programa, ser associadas a grupos de palavras-chaves (áreas conceituais) e ser extraídas por meio de motores de pesquisa integrados no *software* a fim de criar unidades de texto correspondentes a partes específicas do arquivo audiovisual (Malfatti, 2007). Combinando as categorias de significado com diferentes palavras-chaves, o programa permite realizar uma pesquisa qualitativa complexa e em vários níveis. Estes métodos de observação das práticas discursivas delineiam a relevância cotidiana da interação, considerando a fala como uma prática social em contínua redefinição entre atores, e entre eles e o *frame* espacial e cultural (Schegloff, 1991).

O discurso nesta perspectiva de análise torna-se um conjunto de significados que ultrapassam a simples estrutura de conteúdo dos modelos semânticos. O programa *Transana* resulta de fundamental utilidade para esse processo de análise, em que as categorias de significado isoladas delineiam a gênese do evento discursivo em nível implícito, e então, conforme o paradigma da CDA (Wodak, 2001), permite emergir os aspectos ideológicos do texto, onde os significados simbólicos devem ser procurados “entre as linhas e os enunciados”. Essas áreas de significado foram associadas a conceitos-chaves específicos, os quais o *software* reproduz graficamente por meio de histogramas. Os conceitos-chaves evidenciados referem-se à pergunta da presente pesquisa, centrada no posicionamento de gênero entre relações e poder no contexto carcerário.

Resultados

O centro de análise é constituído pelas modalidades de interação nos contextos situados, ou seja, naquelas situações sociais as quais se caracterizam por uma forte aceção cotidiana. O software *Transana* responde às necessidades de realizar uma análise vertical das correspondências entre grupos de significado dentro de um mesmo repertório discursivo e entre repertórios discursivos diferentes. Estes repertórios, que o programa reconhece como séries, possuem peculiares modalidades organizativas mais que estruturais, por meio das quais atores que partilham um mesmo contexto e/ou situação social co-constroem uma representação semelhante a respeito do *self* e dos outros. No caso do presídio este aspecto emerge em maneira particularmente nítida. Os focos de análise, portanto, foram organizadas em três áreas conceituais a respeito da interação entre atores sociais e ente eles e o contexto: 1. Interação como posicionamento

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

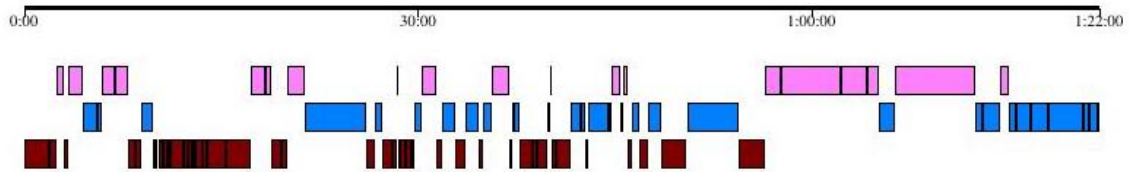
físico e discursivo 2. Interação a respeito dos horizontes afetivos; 3. Interação a respeito das coordenadas espaço temporais no aqui e agora.

As perguntas da pesquisa queriam compreender quanto à representação social e pessoal das detidas transgêneras em relação à própria identidade, mudando dependendo da situatividade da interação e do quanto ressentido de diretrizes afetivas, relacionais e funcionais, produzidas em nível dos posicionamentos no cotidiano. Portanto, estes expedientes de investigação estão articulados ao redor de aspectos relacionais (afeto, relação com o outro significativo), funcionais (gestão do contexto penitenciário e de trabalho) e reguladores (conjunto de regras organizativas e funcionais). A subdivisão destas áreas conceituais segue então a seguinte ordem.

1. Situação: estrutura – função – organização (192 porções de texto): A situação representa aquele *frame* estrutural e funcional dentro do qual se geram as interações no *hic et nunc*. Essa engloba todos os níveis de interação (do micro – cotidiano, ao macro – cultura). O *frame* da situação pode ser de natureza material ou simbólica.
2. Experiência: vivida – direta – meditada (113 porções de texto): No cotidiano as regras de interação dos níveis macro e micro tornam-se rotinas, ou seja, esquemas de ação cristalizados. A experiência a respeito do *self*, da vida social e do contexto articula-se entorno do grau de afiliação a respeito de uma determinada situação social, produzindo um conhecimento legitimado e compartilhado.
3. Afeto: relacional - íntimo – parental (82 porções de texto): As modalidades de conhecer o *self*, outro e contexto dependem do investimento emotivo que se cria nas relações com a alteridade. Por meio da afetividade que influi nas tomadas de decisões e na definição da situação podem-se criar mapas ontológicos que adquirem um significado pessoal e íntimo e, portanto, emotivamente significativo.

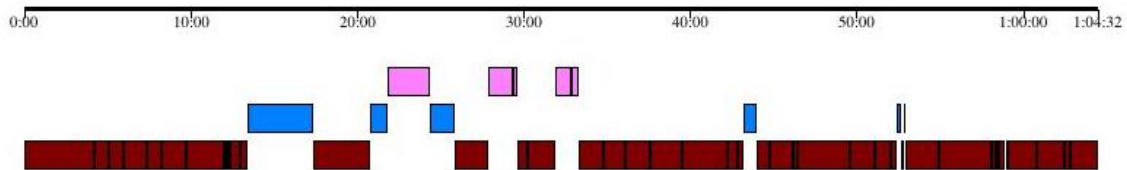
O componente afetivo no instituto é diretamente associado à experiência, portanto àquelas rotinas cotidianas por meio de gestos e breves diálogos em si funcionais, mas conotados, de alguma forma, a aspectos relacionais. De fato, as variáveis relacionais caracterizam fortemente o contexto carcerário. Entre estas entrevistas, como se verá no histograma seguinte, são, especialmente aquelas das detidas que se referem aos aspectos principalmente afetivos (a ligação semanal para a mãe, as cartas e as visitas de amigos), enquanto o provedor da administração penitenciária e a vice-diretora do instituto mostram menor atenção a respeito destes aspectos mais íntimos.

Histograma 1: *Corpo detidas*



Legenda: Rosa: afeto – Azul: experiência – Vermelho: Contexto

Histograma 2 : *Corpo funcionários penitenciários*



Legenda: Rosa: afeto – Azul: experiência – Vermelho: Contexto

Os testemunhos (histograma 2), em particular dos funcionários empenhados na administração da prisão, seriam mais sensíveis em relação aos aspectos meramente contextuais. A colocação das detidas, os turnos de vigília, a separação das diferentes tipologias de presos são aspectos recorrentes da cotidianidade de quem opera no presídio. Em particular, as instâncias de poder superordenadas (direção, administração) têm uma experiência indireta do contexto, reduzindo então a possibilidade de interação e as ocasiões na quais se instauram uma relação com o outro. Pelo contrário, a respeito das entrevistas realizadas como as detidas, resulta evidente quanto à importância da afetividade aumenta ao longo da entrevista, enquanto a componente contextual, no começo bastante presente nos discursos (histograma 1: barra purpúrea) tende a desaparecer no final das entrevistas deixando espaço para aspectos mais pessoais e íntimos.

A experiência, como conjunto de rotinas cotidianas, resulta mais difusa entre as detidas, o que faz pensar em um maior grau de interação com o contexto. Essa nas entrevistas com as detidas (histograma 1) é associada a processos relacionais (interação cotidiana com as outras parceiras), enquanto nos testemunhos dos funcionários parece bastante ausente. Por esta mesma razão, as matrizes normativas e contextuais tornam-se dois aspectos predominantes nos discursos dos funcionários (sobretudo a vice-diretora e o provedor), mas resultam pouco significativas quando as interações se desenvolvem entre detidas em nível cotidiano.

No primeiro extrato escolheu-se a entrevista com o provedor, pois ela representa a posição mais alta de poder em relação às hierarquias no contexto carcerário. A forma da linguagem é caracterizada por um uso redundante de recorrências retóricas, legitimadas pelo contexto institucional e pelo contexto formal da interação entre ela como representante política e o entrevistador como representante do sistema da instrução pública. Essa estrutura sintática é tipicamente usada pelos atores que ocupam altos cargos em contextos de elevado funcionamento normativo (De Francisco, 1997). Como

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

será evidente no primeiro extrato, da entrevista com o provedor, a decisão de transferir a seção transgênera da seção masculina para a feminina, responde a uma pergunta ideológica, na qual se justifica esta escolha em termos de reconhecimento do outro.

POSTCOLONIAL
AND
TRANSNATIONAL
FEMINISMS

Extrato 1: Provedor

90. eu apreciei muito a colocação em um setor
91. da seção feminina, pois na verdade era um
92. reconhecimento de um pedido do gênero, do alvo
93. transexuais, não!

Emerge um explícito referimento para a importância do contexto, ou seja, da estrutura e da própria organização do presídio, ao oferecer para a população transgênera uma possibilidade de reivindicar a própria identidade de gênero. Identidade que, segundo o provedor, articula-se ao redor de um universo de significados declinados para o feminino. Devido a isso, na escolha de uma condição válida para as detidas transgêneras, optou-se dentro da divisão antinômico-sexual do instituto, para o setor feminino, sendo um contexto mais afim às necessidades das presas de serem reconhecidas como mulheres. O que se torna prioritário na gestão da seção transgênera é a colocação física das detidas: “*colocação em um setor da seção feminina*” (linhas 90-91), justificada por uma necessidade de reivindicação pessoal e social da identidade transgênera: “*pois na verdade era um reconhecimento de um pedido do gênero*” (linhas 91-93). Em nível semântico, destaca-se uma associação discursiva entre substantivos que definem uma situação estruturalmente delineada: “*colocação, setor, seção*” (linha 91) e substantivos que aludem a uma dimensão social e identitária: “*reconhecimento, pedido, gênero*” (linha 92). O estilo narrativo é então conotado de uma linguagem normativa que analisa o aspecto estrutural da realidade presidiária como expediente principal para a gestão de todas as dinâmicas que acontecem dentro dela. O posicionamento do Provedor, possui um valor ideológico-contextual.

De outro jeito articula-se o discurso de uma das detidas entrevistadas. A presa, além de demonstrar um bom conhecimento da língua italiana (tinha começado um curso de graduação), oferece uma narração muito crítica a respeito da motivação que justificaria a transferência da seção *trans* para o setor feminino.

Estrato 2: Detida 2

263. nada a ver! Sabe que em dois mil e quatro quando eu
264. passei por aqui, estávamos no setor masculino, em
265. dois mil e cinco efetivamente passamos
266. temporariamente no setor aonde estamos agora ao
267. feminino porque o nosso setor anterior foi
268. destinado a se tornar um polo universitário.

A interlocutora, vivendo no presídio como detida, demonstra uma experiência direta e por isso a sua representação do contexto articula-se diferentemente em relação ao posicionamento do provedor. A resposta à pergunta do entrevistador, a propósito da

sua colocação no instituto, afasta-se claramente de quanto explicitado no extrato anterior. Ela começa, de fato, com um evidente desacordo: “*nada a ver!*” (linha 263), para em seguida justificar o seu posicionamento na base da própria experiência. O imperativo: “*sabe*” (linha 263), convida o interlocutor à escuta de uma narração episódica; um relato dos *atos* cotidianos.

Do ponto de vista lexical passa-se de uma linguagem formal e ego-distônica expressa por meio de um uso da terceira pessoa verbal (vê extrato 1), para um discurso focado no *self*, sendo ela parte da população detida. O estilo narrativo resulta, portanto, mais pessoal e permeado do uso da primeira pessoa singular e plural: “*eu passei*” (linha 263), “*estávamos*” (linha 264), e “*estamos*” (linha 266). Em nível de significado semântico, a interlocutora, por meio do discurso caracterizado por momentos de vida pessoais, enfatiza o seu desacordo a respeito das decisões tomadas pela direção e administração do instituto. Aquilo que o Provedor identifica como um ato de reconhecimento é percebido pela detida como uma solução paliativa e precária: “*temporariamente*” (linha 266): um movente retórico para conotar uma decisão puramente pragmática, de aceções conceituais. A sua colocação no setor feminino representaria uma mera colocação logística: “*efetivamente*” (linha 265), sendo que não existem outros espaços a disposição para as detidas transgêneras: “*porque o nosso setor anterior foi destinado a se tornar um polo universitário*” (linhas 267-268).

Os posicionamentos mudam, de fato, a respeito do papel, do status e do quadro estrutural. Posições diferentes dentro de um mesmo contexto produzem discursos e representações diversificadas, seja no estilo, seja no significado. Estas discrepâncias discursivas não emergem somente em nível de categorias sociais dicotômicas (direção e detidos), mas também entre diferentes papéis profissionais que operam no instituto. A mesma situação social (contexto e norma), a qual, sobretudo nos discursos produzidos pelas instâncias administrativas do instituto parecia revestir uma posição prioritária, torna-se secundária já na interação das detidas (para elas o presídio é a cotidianidade!). Em referimento a vida cotidiana, resulta fundamental a percepção do tempo, muitas vezes em suspenso para quem transcorre um longo período dentro de uma instituição total. Este aspecto é referido por todos os atores envolvidos nesta pesquisa, porque as atividades propostas no instituto não conseguem cobrir completamente todo o período no presídio. Ademais, a superlotação da população detida permite só a um pequeno percentual dos presos de participar das atividades de trabalho, escolásticas ou recreativas.

A respeito do quanto foi formulado por Wodak (1997), as matrizes espaço-temporais relegam os discursos dentro de coordenadas específicas de significado implícito. Especialmente, uma detida abriu a interação com o entrevistador fazendo mesmo referimento ao passar do tempo no instituto que altera a percepção da própria cotidianidade. O tempo neste sentido torna-se uma variável psicológica e afetiva, ou seja uma dimensão existencial em base, à qual se define a vida de uma pessoa. O tempo, para além de ser uma unidade de medida, pode ser definido como o seguir-se de ações no período de um dia. De fato, a cotidianidade exprime-se por meio do que se realiza todos os dias. Sendo a dimensão temporal quase suspendida dentro de um contexto totalizante, as atividades de trabalho, ao invés de assumir um valor *de correção*, como defendido por Foucault, constitui muitas vezes um indispensável remédio ao tédio e à

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

depressão.

Assim mesmo a interlocutora do próximo extrato representa o trabalho como um aspecto positivo, também para o significado que consegue dar ao tempo que transcorreu no instituto. De fato, a entrevista inteira é impregnada por explícitos referimentos ao tempo como demonstrado pelo próximo exemplo.

Extrato 3: Detida 3

509. o tempo para mim parou, por isso quando saio

510. sob permissão eu chamo minha família. Aqui dentro

511. para. Para, por isso trabalho cinco horas e como se

512. eu tivesse estado um dia fora.

Emerge claramente desta passagem como o tempo é principalmente associado, dentro da prisão, a duas dimensões sociais: o trabalho e o afeto. De fato, a interlocutora afirma na primeira parte do extrato como o tempo sem emprego fique inalterado: “*o tempo para mim parou*” (linha 509) e que somente pode aproveitar do próprio tempo: “*quando saio sob permissão*” (linhas 509-510), procura os contatos com os atores significativos da vida dela: “*eu chamo minha família*”.

Em nível lexical encontra-se uma reiteração retórica diante do construto de estagnação, que é repetido bem três vezes dentro de uma mesma sequência semântica: “*parou*” (linha 509), “*para, para*” (linha 511). Esta situação de bloco temporal e existencial parece resolver-se, para além dos contatos com os próprios familiares, mesmo por meio do tempo empregado em atividades de trabalho: “*trabalho cinco horas e como se eu tivesse estado um dia fora*” (linha 511 – 512). Especialmente esta última afirmação faz emergir claramente quanto o trabalho e o tempo sejam associados à liberdade e à vida fora das paredes do presídio.

O construto liberdade, entendido como margem de agenciamento individual e coletivo, é um dos aspectos mais importantes na vida dos seres humanos e este assume uma particular relevância, quando este é interrompido. O conceito de liberdade dentro do cárcere é discursivamente associado ao tempo, entendido não como parâmetro, mas como espaço dentro do qual construir relações, representações e conhecimentos. O conjunto destas três variáveis constitui o agenciamento de uma pessoa, ou melhor, a representação de agenciamento que um agente atribui à sua situação e ao contexto. Por isso na prisão tornam-se importantes duas variáveis na definição do espaço e do tempo: o componente do trabalho e aquele do afeto, como emerge do breve extrato de uma detida, que falava do relacionamento com seu ex-namorado antes de entrar no presídio. O extrato, que representa uma ligação analítica entre discursos produzidos dentro e fora da prisão, faz referimento a um aspecto fundamental do agenciamento: a liberdade de amar!

Essa última, dado que a função do sistema penitenciário prevê um afastamento espacial de todos os atores significativos da própria vida, mesmo para prevenir o mais possível qualquer possibilidade de reconstruir aquele sistema de contatos associados à trajetória criminal do recluso, torna-se uma falta daqueles aspectos indispensáveis da própria identidade que são caracterizados da proximidade afetiva do outro. A identidade

de gênero, para além do contexto e da cultura, ressentido de uma série de gestos cotidianos, ou seja, procedimentos de decoro, por meio dos quais se atribui um sentido e, portanto uma legitimação à própria representação de gênero.

Extrato 4: Detida 5

140. me sentia uma princesa, me trazia comida na

141. cama, tantas flores me dava de presente, me comprou

142. muita roupa nova

As “flores” (linha 141) e a “roupa” (linha 142) poderiam ser consideradas *artefatos afetivos* para enfatizar e reconhecer cotidianamente uma identidade de gênero declinada ao feminino, assim como as atenções comunicadas por meio de gestos: “*me trazia comida na cama*” (linha 140/141). Estes procedimentos de decoro, culturalmente associados a comunicações afetivas, adquirem um significado relacional através de um gesto de conotação cotidiana: o presente. De fato, o dom representa na cultura ocidental uma demonstração de afeto com o fim de comunicar um reconhecimento do outro ao outro (Mantovani, 2000).

De fato, esta representação do *self* emerge de um conjunto de gestos cotidianos negociados na interação com os outros atores. *Flores e roupa*, além de serem objetos, tornam-se na situação dos posicionamentos no aqui e agora *Representações sociais*, em torno das quais se constrói um sentido do *self* como identidade generizada. No plano afetivo, por meio das atenções particulares, reforça-se uma representação do *self* como mulher, discursivamente circunscrita por imagens culturais ligadas ao universo feminino: “*me sentia uma princesa*” (linha 141). Este sentir-se mimada e paparicada torna-se uma prática afetiva, que delinea em nível cotidiano as invisíveis fronteiras entre sistemas de representações e construtos de identidade. O gênero narrativo que emerge deste relatório é impregnado lexicalmente por figuras retóricas descritivas que influenciadas por momentos de vida pessoais e então situados. O recurso à exemplificação, quanto o recurso à reificação, típica de um discurso normativo (veja-se o primeiro extrato), denota um enunciado de tangibilidade e concretude. O que emerge dos histogramas como uma diversa distribuição de temáticas discursivas diante dos conceitos de situação, experiência e afeto, é exprimido na estrutura do texto por meio de uma organização diversa dos modelos semânticos: daqueles impessoais das autoridades penitenciárias aos diretos e figurativos dos detidos e dos operadores que interagem cotidianamente com a realidade carcerária.

O comandante, falando da própria experiência dentro da seção transgênera, compara a vida no presídio a contextos de interação que fazem parte da cotidianidade íntima da sua vida privada. De fato, emerge da produção discursiva dele um recurso a elementos figurativos e comparativos, expresso por meio de uma superposição narrativa entre a vida dentro do instituto e as interações que se geram na vida familiar.

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

Extrato 5: Comandante

259. depois nos damos conta quando um está, agora faço um
260. exemplo um pouco particular. Um pouco como quando um
261. está um pouco na própria casa, de manhã levanta, se
262. vir que a mãe, o pai, o irmão, a irmã, a esposa,
263. quem que seja não te chamam, não te respondem, não
264. e vira-se por outra parte, você se dá conta que
265. muito provavelmente levantou virado então você quer
266. saber porque ou coisa teve se há um problema
267. este discurso vale também dentro das seções.

Emerge do extrato um estilo discursivo, caracterizado por uma estrutura linguística de uso tipicamente cotidiano, porque mais do que ressentir de conceitos formalmente generalizados, resente de experiências concretas e momentos de vida privada. De fato, sua narração é construída por meio das exemplificações, conotadas por acepções completamente pessoais e situadas: *“agora faço um exemplo um pouco particular. Um pouco como quando um está um pouco na própria casa”* (linhas 476/477). Este tipo de estrutura discursiva é caracterizada por elementos retóricos poucos formais e então menos institucionalizados.

Portanto, a realidade carcerária sai dos esquemas completamente estruturalistas, assumindo conotações muito mais concretas e subjetivas. O componente afetivo emerge seja da linguagem informal: *“se levanta, se vê”* (linha 478), seja dos referimentos a um contexto afetivo por definição: a família. A transposição de dinâmicas interfamiliares diante da vida no presídio sublinha a cotidianidade das interações e do significado delas no aqui e agora. O presídio pode ser visto seja como um contexto a forte funcionamento normativo, seja respeito à sua cotidianidade, como uma realidade de interação comum. Estes posicionamentos quase familiares são enfatizados pelo uso exemplificativo de substantivos que se referem diretamente aos atores principais da vida familiar e então afetiva: *“a mãe, o pai, o irmão, a irmã, a esposa, quem que seja”* (linhas 262-263). Por meio de uma forte redundância destes substantivos, sublinha-se a dimensão confidencial das interações. O afeto, se referido a experiências em primeira pessoa, é conotado por elementos fortemente situados: associações, lembranças, experiências. De fato, são com frequência as pequenas coisas de todos os dias que definem aquelas situações e representações, que depois se tornam realidades reificadas em nível macro da vida social. O sentir-se mulher deve inserir-se de alguma forma em um panorama de cotidianidade afetiva e então das pequenas recorrências que circunscrevem as infinitesimais práticas dos posicionamentos no aqui e agora. Por meio da descrição de uma relação com o outro, emerge o sentido que uma pessoa dá às próprias representações e crenças.

Conclusões

O presídio é uma dimensão simbólica e um sistema de interação entre variáveis funcionais (contexto, estrutura, organização), relacionais (o posicionamento entre *self*, outro e contexto) e normativas (as regras sociais, as leis, as práticas institucionalizadas). O gênero nesses contextos assume um papel particularmente significativo, porque determina a inserção em uma das únicas duas categorias sexuais previstas por esse sistema social. Afastar-se desta lógica dicotômica implica um percurso de afirmação da própria identidade, permeado de processos de reivindicação, muitas vezes sofridos, negados e conotados de uma profunda sensação de solidão. A solidão é uma constante, um fio condutor que é transversalmente difuso ao longo de todas as narrações coletadas. Nas entrevistas das detidas a alienante condição de estar sozinhas é enfatizada pelo percurso de transição e afirmação do *self*, por alguns versos extremos e certamente poucos comuns a respeito de escolhas de vidas mais legitimadas.

As narrações coletadas mostram, de fato, uma afinidade textual significativa em termos de representações sociais e construções de identidade. As estruturas retóricas das narrações, criticamente analisadas, estão permeadas por uma contingência de sentido quase transversal, difusa ao longo dos discursos produzidos em uma mesma situação espacial e temporal (Wodak, 2001). Nota-se uma correlação de conteúdo que reflete princípios normativos fundamentais, profundamente ligados à gestão do contexto observado, e às correspondentes experiências pessoais. Os histogramas do software *Transana* demonstram quanto os discursos possuem estruturas narrativas diferentes, quando se enfrentam assuntos de ordem pública (as normas, a cultura, a interação com o outro generalizado) ou privada (a representação do *self*, os afetos, a interação com o outro significativo).

Enquanto a variável contextual resulta particularmente relevante nos discursos dos funcionários (em particular a administração e a direção do instituto), as detidas mostram um posicionamento sensivelmente deslocado para o lado relacional, sendo que o contexto particularmente coercitivo de um aparato penitenciário tem uma função central ao longo do itinerário correccional, mas durante as interações cotidianas, normas e contexto apresentam-se de forma mais periférica do que os momentos de vida pessoais e as exigências pragmáticas. A vida na penitenciária não resente só do efeito da estrutura cultural com os seus hábitos simbólicos, mas também da negociação constante e concreta destes procedimentos em nível da interação cotidiana, dos contextos no aqui e agora, das práticas que se desenvolvem cada dia, como a relação com os atores sociais significativos – familiares e amigos – como também com o outro generalizado – parceiros e funcionários.

De fato, a vida de todos os dias dentro das paredes de um presídio adquire um significado peculiar, bem mais concreto e pragmático diante das referências simbólicas e normativas do contexto, que pertencem a uma ordem mais silenciosa e menos visível. Se for também verdade que o presídio representa um veículo que normatiza para restabelecer a ordem ideológica dos macrossistemas sociais, como afirmado seja por Foucault (1975/1987), seja por Zimbardo (2007/2008), seus reflexos subjetivos exprimem-se sempre em nível de posicionamentos no aqui e agora, como a relação que se instaura entre detidos e pessoal penitenciário que opera diretamente nas seções. O

*Textos generizados em contextos afetivos:
Experiências e relações podem prevenir a violência de gênero na prisão?*

POSTCOLONIAL
AND
TRANSNATIONAL
FEMINISMS

sentido no discurso nota-se no próprio significado mediado no momento mesmo da interação (Wodak, 2001). Então o presídio delinea *hábitos*, nos quais tomam forma aquelas “*regiões de fachada*” da vida cotidiana que ressentem da complexa interdependência entre sentido abstrato (a norma) e significados concretos (relações). Esse jogo de negociação constante entre esquemas de representações socialmente partilhadas e ações conotadas de sentido subjetivo produz realidades individuais e coletivas, tornadas acessíveis por meio da gênese de discursos. Estes últimos são, por uma parte, práticas de interações, como os sistemas de poder que criam hábitos sociais e culturais, enquanto, por outra parte, se submetem a uma ordem pragmática, que se produz e reproduz na interação entre sistemas de significados simbólicos, culturais e normativos (Foucault, 1975) e universos afetivos, relacionais e pessoais (Wodak, 1997). O que confere ao *entrelacement* das interações simbólicas um caráter tangível é a produção de discursos e narrações que descrevem momentos de vida, emoções, percepções, afetos e lembranças. A variável afetiva, por isso, torna-se um aspecto importante a partir do qual as interações podem ser consideradas ações situadas. Se para a direção e a administração do presídio a colocação (con)textual das transgêneras, sobretudo por meio da linguagem (uso do gênero feminino) e do ambiente (a detenção dentro do setor feminino), torna-se um fator fundamental para reconhecer as suas identidades; a polícia penitenciária e as detidas, ao contrário, negociam valores, status e identidades a partir de contatos diretos, frequentes e pessoais.

A experiência, por isso, torna-se um dos elementos mais importantes de se promover, para prevenir conflitos, tensões e situações críticas, que muitas vezes emergem em contextos tão extremos. Enfatizando o valor pragmático e estratégico de relações situadas, melhoram não somente as condições difíceis da detenção, mas também o árduo e cotidiano trabalho dos funcionários do presídio.

Referencias

- Codd, H. (2003). Women inside and out: Prisoners' Partners, Women in prison and the struggle for Identity. *Internet Journal of Criminology*.
- De Francisco, V. (1997). Gender, Power and Practice: or putting your mouth (and your research) where your mouth is. In R. Wodak (Eds.), *Gender and Discourse* (pp. 37-56). London: Sage
- Farias de Albuquerque F. & Jannelli M., (1994). *Princesa*. Roma: Sensibili alle foglie
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard. Trad. port., *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (32ª edição). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.
- Goffman, E. (1961). *Asylums, Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Immates*. New York: Doubleday. Trad. it., *Asylums*. Torino: Einaudi, 2003
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. New York: Prentice Hall. Trad. it., *Stigma l'Identità negata*. Milano: Giuffrè editore, 1983
- Green, J.N. (1999). *Beyond carnival: male homosexuality in twentieth-century Brazil*. London-Chicago: The University of Chicago Press

- Mantovani G. (2000): *Exploring Borders. Understanding Culture and Psychology*. London: Routledge.
- Malfatti, F. (2007). *Il software per l'analisi qualitativa Transana*. Siena: Centro Ricerche EtnoAntropologiche.
- Schegloff, E.A. (1991). *Reflections on Talk and Social Structure*. In D. Boden & D.H. Zimmerman (Orgs.), *Talk and Social Structure: Studies in Ethnomethodology and Conversation Analysis* (pp. 44–71). Cambridge: Polity Press.
- Vidal-Ortiz, S. (2009). The figure of the transwoman of color through the lens of „Doing Gender“. *Gender & Society*, 23(1), 99-103
- Wodak, R. (1997). Introduction: Some important issues in the research of Gender and Discourse. In R. Wodak (Eds.), *Gender & Discourse* (pp. 1-20). London: Sage
- Wodak, R. (2001). The discourse-historical approach. In R. Wodak & M. Meyer (Eds.). *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 62-94). London: Sage
- Zimbardo, P.G. (2007). *The Lucifer Effect: Understanding How Good People Turn Evil*. New York: Random House. Trad. it., *Effetto Lucifero: Cattivi si diventa?* Milano: Raffaele Cortina Editore, 2008

Alexander Hochdorn is psychologist, Ph.D and researcher at Laboratory Interaction & Culture, Department of Philosophy, Sociology, Pedagogy and applied Psychology (FISSPA), University of Padova, Italy.

Paolo Cottone is Professor at Laboratory Interaction & Culture, Department of Philosophy, Sociology, Pedagogy and applied Psychology (FISSPA), University of Padova, Italy.

Brigido Vizeu Camargo is Associate Professor at Laboratory of social Psychology, Communication & Cognition, Centre of Philosophy and Human Sciences (CFH), Federal University of Santa Catarina, Brazil.

Bruna Berri, Laboratory of social Psychology, Communication & Cognition, Centre of Philosophy and Human Sciences (CFH), Federal University of Santa Catarina, Brazil.